

## O funeral do polícia

Adérito Silveira

Naquela casa velhinha, havia tristeza e lembranças do passado. Ali, pontificava um mundo de gente, sobretudo pessoas marcadas pela idade. O morto no caixão estava no descanso eterno. Silenciado e sumido despertava nos presentes as mais profundas emoções. Cada um ia rodeando o defunto em sinal de respeitabilidade e sentido cristão, pois o rosário nas mãos de algumas mulheres mostrava isso mesmo. As mais idosas faziam até uma espécie de bico na boca no relambório de algumas orações estranhas e incompreensíveis.

O homem ali deitado fora em tempos polícia respeitado mas muito cedo destituído por não partilhar os ideais políticos do governo de então. Ultimamente trabalhava de sol a sol nas leiras e isso ocupava-o completamente...dizia-se feliz e tinha um grande apego à vida recusando liminarmente falar da morte como se ela só batesse à porta dos vizinhos. No entanto ele ali estava com passaporte para a tribuna do juízo final...

- Bonita idade...- dizia a tia Genoveva lacrimejando uma piedosa lágrima. A Figa Seca afirmava solenemente que o ti Joaquim tinha noventa e tal anos a fazer fé na sua bazófia de ancião mas trabalhador que fazia inveja aos mais jovens. As terras que cultivava eram um jardim, um mimo...agora ali estava com cara de santo mal alimentado... - Olhem para ele, parece ainda querer falar para nós, com vontade de fazer uma última despedida- confienciava a ti Rabeca, não acreditando ainda que ali estava o seu primeiro pretendente a namorado...- Namorei-o sim, dizia baixinho mas só da janela, ele em baixo e eu em cima, sempre vigiada pela minha mãe tão atenta às palavras e aos gestos -- Não, não cheguei ao fascínio da provação do beijo...

- É o fim de todos nós...- discorria em palavras abafadas o Joaquim Mio, esfarolando-se com a beata no canto da boca, esborrifada de tanta saliva.

Ali, vivia-se o luto em toda a sala, como se a morte fosse de todos. Um outro velho dizia que ele fora colega de carteira na escola primária, emocionado entupiram-se-lhe os canais respiratórios desencadeando-se um tosse seca e áspera que despertou alguma reação nos mais velhos e desvalidos.

- Foi Deus que se amerceou da sua alma, levando-o para junto de Si- chorava a ti Luísa Rainha, entaramelando-se nas palavras, acrescentando que o homem lá tinha o seu feitiozinho, por vezes arrevesado, mas no fundo era uma alma carinhosa...- Um filantropo- dizia um jovem universitário a querer mostrar a sua erudição vocabular.

Era um homem respeitado, um exemplo de abnegação ao trabalho das terras, à família e ao seu cão Mondego (famélico e com convulsões nervosas pelas constantes aferroadas das pulgas que o infligiam). A sua conduta como homem, a sua

honorabilidade levaram a que a Banda de Mateus o acompanhasse com uma marcha fúnebre de Chopin que desencadeou tremuras de arrepios no caminho para o cemitério.

O silêncio redobra-se à medida que o Padre Faceira se aproxima anunciando cedo o laudatório fúnebre. Os sinos, acompassados dão o sinal; infundem um toque de dor e mistério. Um dobre obstinado que penetra no corpo de cada um. Toque a finados, sons de redenção e proclamação da salvação e vida eterna. O cortejo recolhe-se no silêncio absoluto, cortado apenas pelos passos pesados impelidos pelo fervor da oração. Na igreja, os cânticos de exéquias misturam-se e espalham-se conferindo sonoridades pálidas e algentes...agora todos os rostos parecem misturar-se com os santos da igreja e toda a multidão por osmose parece também já santificada.

O coveiro, como fiel sentinela, lá está junto da cova, apoiado na pá e coberto de cordas sobre os ombros. Vala aberta; lugar de passagem para o etéreo mundo destinado a quem soube viver no sentido da bondade e da justiça e no sentimento altruísta e desinteressado. Este mundo é pois uma muralha precária da vida.

Caída no silêncio, a noite tomara conta de tudo e as estrelas preparam-se para mostrarem a sua luz. A lua redonda quer exhibir a sua alvura resplandecente...deslumbrante aquele luar...

O repouso e o silêncio da natureza entrecortam-se com as doces cigarras que nos trigais dormentes cantam o triunfo da vida.